



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LETRAS

**ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DO DISCURSO DO HIP-HOP: A CIDADE DE
BAGÉ “RAPRESENTANDO” A FRONTEIRA**

Artigo apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras, Português e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Fernandes

ROBERTA BRONDANI DUARTE

BAGÉ, AGOSTO DE 2014

RESUMO

A presente pesquisa, que se baseia na teoria da Análise de Discurso de Linha Francesa, tem por objetivo analisar o funcionamento do discurso da cultura Hip-Hop, a partir de um *corpus* constituído por letras de músicas contemporâneas do Rap, de artistas como Projota, Emicida e Rashid, além de artistas locais da região de Bagé, como o grupo Opacos MC's, com o intuito de percebermos qual a identificação do sujeito bageense com esse tipo de música, já que esse estilo chegou com força na região, principalmente entre os jovens. Também foi aplicado um questionário com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de Bagé, referente à cultura Hip-Hop salientando questões ligadas ao interesse dos jovens pelo movimento. Os textos musicados do grupo Opacos Mc's, grupo de *rappers* da cidade de Bagé, possibilitou uma análise interessante sobre o Rap na região, permitindo perceber de que maneira esse discurso é enunciado nessa região, e como os sujeitos identificam-se com essa formação discursiva dos *rappers* bageenses. Salientamos a identificação dos *rappers* bageenses com o Hip-Hop metropolitano, a maneira como representam a cidade de Bagé através de seus textos e como isso interfere na conjuntura social bageense.

ABSTRACT

This research, which is based on Discourse Analysis Theory following a French perspective, has as its objective analyzing the discourse present in the Hip-hop culture through a corpus constituted of contemporary rap lyrics of artists like Projota, Emicida and Rashid, as well as local artists from Bagé, Rio Grande do Sul, Brazil, as the group Opacos MC's. The aim is to notice how people from Bagé can identify with this type of music, since this musical style has become strong in this area, especially among young people. A questionnaire related to Hip-hop culture was also applied for high school students coursing the senior year in a public school in Bagé, emphasizing issues related to their interest about this movement. The lyrics of the songs by Opacos MC's from Bagé provided an interesting analysis about the rap music in this zone making it possible to notice how this discourse is enunciated here and how these individuals relate to the discursive formation of the rappers from the city. We stress the metropolitan Hip-hop influence the groups have, the way Bagé is represented through their lyrics and how it interferes in Bagé's social situation.

1. INTRODUÇÃO

*“Eu sou periferia” me diz um deles. Ele não disse “Eu sou da periferia”, em que periferia seria apenas uma localização. Em “eu sou periferia”, o sujeito e a periferia se confundem. Identificação de um e outro (outros). O lugar (não- lugar social), o ser, a coisa.
(Eni Orlandi, 2004).*

Conhecido como a “CNN da periferia”¹ o Hip-Hop teve início nos anos 70, mais especificamente no sul do Bronx, em Nova Iorque, onde ficava visível a exclusão e a violência sofrida pelos negros americanos devido a um sistema político desigual. O Hip-Hop surgiu como um instrumento de transformação social para os habitantes das periferias, sendo a única forma dos *guetos*² expressarem suas dificuldades e necessidades.

Esses bairros periféricos sofriam, e ainda sofrem, com inúmeros problemas sociais, dentre eles: o tráfico de drogas, o racismo e a ausência de espaço de lazer para os jovens, também assolavam essas comunidades. Sendo assim, a alternativa foi promover uma organização interna a fim de enfrentar os problemas com os recursos da própria comunidade, sem depender de apoio externo. De acordo com Tricia Rose, “a cultura Hip-Hop emergiu como fonte de formação de uma identidade alternativa e status social para os jovens numa comunidade, cujas antigas instituições locais de apoio foram destruídas, bem como outros setores importantes” (Rose, 1997, p. 202). Desta forma constituiu-se uma formação discursiva específica do movimento Hip-Hop, com seu interdiscurso próprio, e representando no dizer as formações ideológicas do grupo. Para Pêcheux (1997, p.160): “chamamos de formações discursivas, aquilo que, numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de certa posição dada numa certa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito”.

A cultura Hip-Hop possui cinco elementos na sua composição: o RAP (ritmo e poesia, expressão verbal da cultura hip-hop), o BREAK (a dança), o GRAFITE (o desenho), o MC (Mestre de Cerimônias), representante da cultura hip-hop, e o DJ (disc-jóquei).

¹ *CNN da periferia*: Segundo Costa (2005), o Hip Hop é a "CNN da periferia", isto significa dizer que o Hip Hop é a forma dos guetos da periferia expressarem as suas dificuldades, sendo também uma forma de resistência de classe dos excluídos.

² *Guetos*: região ou bairro de uma cidade onde residem pessoas de uma mesma etnia.

No Brasil, o Hip-Hop chega uma década mais tarde, diretamente para a capital São Paulo, e é considerado um movimento de contestação devido ao teor das letras das músicas cantadas por aqueles que se autodenominavam “rappers”, e também pelos grafiteiros, que retratavam a realidade das periferias nos muros das cidades. Pensemos o Rap, um dos elementos da cultura Hip-Hop, enquanto um discurso que perturba a ordem imposta pelo Estado, portanto o movimento é visto socialmente como uma cultura marginal que pretende retratar o comportamento de um grupo social e acontece principalmente nas periferias das grandes cidades. Reunindo os excluídos, ou seja, os menos favorecidos, daquela formação discursiva dominante, a dos favorecidos economicamente.

As cidades, principalmente, as grandes capitais, são o palco para esses movimentos e apresentam-se como lugar de contradição, pois, ao mesmo tempo em que a cidade caracteriza-se como um lugar de ordenamento, apresenta-se também como um lugar de desorganização, que conduz à marginalidade e à violência. As leis e a própria polícia são exemplos de ordenamentos impostos pelo Estado para conter qualquer tipo de desorganização que possa acontecer. Porém, essa desorganização faz parte da cidade, é uma parte desse lugar tão heterogêneo, portanto devemos compreendê-la, e não contê-la. Para Orlandi, a cidade deve ser vista como um lugar de pluralidade de sentidos. É a partir de um estudo que se baseie nestes propósitos que poderemos pensar em compreender não somente a própria cidade, como também a nós mesmos, seus sujeitos.

Essa desorganização não aparece somente sob a forma de violência. As falas desorganizadas, de acordo com Orlandi (2001, p.186), podem ser compreendidas enquanto “lugares em que o sentido falta, incidência de novos processos de significação que atingem, ao mesmo tempo, a ordem do discurso e a organização social urbana”, e ainda segundo a autora (idem, p. 187), “emergem como indícios de um processo de significação em que os sujeitos são considerados fora do discurso politicamente, historicamente, linguisticamente”.

Desse modo, as falas desorganizadas buscam significar a cidade por meio de sua desorganização social urbana. Percebemos que essa desorganização seja o próprio modo de organização de alguma fração da cidade, já que sabemos que as grandes periferias possuem seu modo de organização próprio, diferente daquele dado pelo Estado, e na maioria das vezes, contrariando-o. Essas vozes marginalizadas estão presentes principalmente nas periferias das grandes cidades, onde a “desorganização” encontra-se mais aparente. (Bevilaqua, 2005).

Entretanto, não é só nas periferias das metrópoles que ocorre essa identificação do sujeito com o discurso anti-ordenação do Estado. Nas comunidades de Bagé, cidade próxima à fronteira com o Uruguai, por exemplo, muitos adolescentes se identificam com essa cultura do Hip-Hop, mesmo não morando em favelas ou estudando em escolas periféricas, portanto, compreender a identificação do sujeito-bageense com o discurso do Hip-Hop é o objetivo deste trabalho.

Vamos analisar, no presente trabalho, um dos elementos da cultura Hip-Hop; um modo de formulação desse discurso, chamado R.a.p. Foram escolhidos, ao todo, sete textos musicados, sendo dois do *rapper*³ Rashid e uma parceria do mesmo, com outros dois *rappers*, Projota e Emicida, trio conhecido por “Os Três Temores”, mais três textos produzidos pelo grupo Opacos MC’s, da região de Bagé, e uma música produzida por jovens de um projeto de inclusão social, que vivem em comunidades à margem da cidade de Bagé. Os textos musicados são: “Se o mundo acabar”, “R.a.p”, “Nova Ordem”, “Trylogia”, “25 de dezembro”, “Cotidiano Genocida” e “Rap do Km 21”. O objetivo do trabalho é analisar essas falas desorganizadas que emergem das cidades, tentar compreendê-las sem nos determos à superfície linguística, e sim, aos seus efeitos de sentido. Além disso, objetivamos perceber também, qual a imagem que a sociedade faz desses *rappers*, qual a imagem que eles fazem deles mesmos e o que suas falas revelam sobre o discurso urbano.

Quando pensamos no porquê de ousar pesquisar essas falas desorganizadas e as formações imaginárias engendradas no discurso do Hip-Hop, mais precisamente nas produções discursivas dos rappers citados acima, logo nos vem à cabeça uma palavra: desafio. Claro que, atualmente, já não é nenhuma novidade trabalhos que analisem textos musicados da cultura Hip-Hop pelo viés da teoria da Análise de Discurso. Entretanto, esta “normalidade”, ou não novidade, está inserida nas capitais, pois no interior, mais precisamente na cidade de Bagé, região fronteira com o Uruguai, essa questão ainda não foi especulada. E a partir daí surgem questões como: por que o Rap? E mais, por que o Rap no interior? Sendo assim, pensamos em dois aspectos importantes que serão discutidos adiante: primeiro, *o corpus*, e em segundo, o tipo de identificação dos jovens bageenses com o Rap.

³ *Rapper*: termo inglês para nomear o sujeito que não só compõe músicas de rap, mas também aquele que as canta. Em nosso trabalho, usaremos *rapper* para nos referirmos ao sujeito enunciativo dos textos musicados.

Já que estamos falando do por que o Rap no interior, é interessante caracterizarmos a cidade de Bagé, ou melhor, o contexto em que este trabalho está sendo produzido.

Bagé é uma cidade da região da campanha, que faz fronteira com o município de Aceguá, localizado entre os territórios brasileiro e uruguaio. A colonização da região iniciou-se com a chegada dos europeus, portugueses e espanhóis, por volta do século XVII, na região. Porém, já havia habitantes indígenas no local, o que gerou alguns conflitos. Segundo o folclore, em relação à origem do nome do município, várias hipóteses ainda são discutidas. Há quem diga que no local onde hoje está situada a cidade viveu um cacique minuano chamado Ibajé. O índio estaria enterrado em algum dos cerros da cidade de Bagé e seu nome teria originado a denominação do município. A existência desse indígena nunca chegou a ser comprovada. Portanto, a hipótese mais aceita entre historiadores, é a que relaciona a origem do nome “Bagé” com a linguagem indígena que define as elevações geográficas como cerros. Os índios Tapes chamavam os cerros de “mbaiê”, porém, a expressão mais aceita para a origem do nome da cidade é “bag”, outra palavra indígena que também significa cerro.

A cidade possui certa influência castelhana, como na maneira de falar, um pouco mais ligeira; nos hábitos diários compartilhados, como o chimarrão, e até mesmo no vestuário, tipicamente campeiro, como o chapéu ou a boina larga, bombacha campeira ou uruguaia, por ser mais estreita que a usada em outras regiões do estado, lenço, camisa e bota ou alpargata. Bagé possui um pouco mais de cem mil habitantes. Essa população divide-se entre zona urbana e zona rural, sendo, atualmente, a maioria, cerca de oitenta por cento da população, morando na zona urbana. Com uma economia baseada na pecuária, antigamente, a cidade era concentrada na área rural, porém com o crescimento da cidade e o anseio da população por estudo e emprego remunerado fez com que ocorresse uma migração do campo para a cidade. É interessante ressaltar essa divisão porque, na zona urbana, a população é composta, em sua maioria, por jovens e adultos; ao contrário, da zona rural, onde a maioria da população é composta por idosos. Sendo assim, aqui no interior, o Rap se concentra na zona urbana da cidade.

Mas, ainda assim, mesmo sabendo que a cidade de Bagé está crescendo, e é composta na sua maioria por jovens e adultos, de que forma se deu essa importação do movimento Hip-Hop, das capitais para o interior? Atualmente, está havendo um grande aumento, principalmente, de jovens, identificando-se com as características do Hip-Hop em Bagé, e isto fica visível no vestuário (por exemplo, calças jeans mais largas e caídas

sobre os quadris, camisetas, bonés e tênis de marcas associadas a skatistas), no tipo de música que passaram a ouvir e até mesmo na maneira de agir socialmente, a partir do linguajar, próprio e característico. Sabemos que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Althusser (1985, p.96) afirma que a ideologia interpela (“ela recruta a todos”) os indivíduos em sujeitos. E essa interpelação ideológica do Hip-Hop chegou com força no interior.

Os jovens bageenses estão procurando mais por shows de rap. Com o aumento do interesse, os empresários locais estão investindo e trazendo sempre mais rappers para a cidade de Bagé, vindos, sobretudo do eixo Rio-São Paulo. Para se ter noção, em cerca de meio ano, já foram trazidos mais de cinco grupos de Rap nacional para Bagé, entre eles o *rapper* Projota, que esteve aqui em maio deste ano, e terá suas músicas analisadas neste trabalho. Mas então, da onde vem esse interesse?

Para responder essa questão, foi aplicado um questionário com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Bagé, centro, no qual os alunos responderam questões referentes ao Rap, à maneira como eles veem esse discurso e porque se identificam com ele.

Para finalizar, a escolha desse campo teórico – análise de discurso – para o desenvolvimento desse trabalho, justifica-se pelo fato de que ele nos permite refletir e interpretar a relação homem-história-sociedade por meio do discurso, o qual teremos acesso através dos textos musicados selecionados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ANÁLISE DE DISCURSO E SUJEITO

Análise de Discurso de linha Francesa é uma disciplina que se faz no “entremeio”, ou seja, para Orlandi (1996, p.23), a AD se faz na *contradição* da relação entre outras áreas do conhecimento, como a Linguística e as Ciências Sociais e, portanto não é interdisciplinar. A interdisciplinaridade dá ideia de integração entre uma disciplina e outra, diferente do que propõe a AD, já que a mesma segundo Orlandi (ibidem, p.23) “produz um outro lugar de conhecimento com sua especificidade”, ou seja, a AD é uma espécie de antidisciplina que questiona essa relação excludente entre a Linguística e as Ciências Sociais. Se a linguística não considera a exterioridade de forma constitutiva e as ciências sociais deixam de lado a linguagem no seu funcionamento, a Análise do Discurso vai relacioná-las mostrando que não existe

separação estanque entre essas disciplinas. De acordo com isso, Pêcheux (1995) desde o início de suas observações considera que nenhum processo de produção de conhecimento está a par da ação da ideologia bem como explicita ele próprio (idem, p.64): *toda ciência é inicialmente ciência da ideologia da qual ela se destaca*. E é desta forma que tentaremos compreender a identificação do sujeito-bageense com o discurso do Hip-Hop, e de que maneira acontece essa interpelação-identificação ideológica do sujeito com esse discurso.

É importante explicitar que, no caso da AD, essa disciplina que se faz no “entremeio”, resulta sobretudo do trabalho produzido sobre a noção de Ideologia, ou seja, elemento determinante do sentido que materializa-se no discurso juntamente com a exterioridade. A ideologia interpela o sujeito afetando seu modo de produzir sentidos, sendo assim, é isto que fornece a cada sujeito a sua própria realidade. Ou seja, outros dizeres já ditos ou possíveis é que garantem a formulação do dizer. Para que nossas palavras façam sentido, é preciso que já signifiquem em outro contexto. Para Orlandi (1996, p. 28) “se linguagem e ideologia fossem estruturas fechadas, acabadas, não haveria sujeito, não haveria sentido”. Desse modo, a AD propõe um deslocamento das noções de **linguagem e sujeito**. A AD trabalha com a materialidade da linguagem, considerando dois aspectos principais: o linguístico e o histórico, de forma inseparável, pois os dois participam do processo de produção do sujeito e dos sentidos que os constituem. A linguagem, para Orlandi (ibidem, p.24), “tem de ser referida necessariamente à sua exterioridade, para que se apreenda seu funcionamento”. É por isso que na AD, procura-se analisar o sentido e não apenas aquilo que se encontra na superfície da língua. O sentido, para AD, não está já fixado *a priori* como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica. E assim como o sentido, o sujeito, para a AD não é correlato, ele é constitutivo.

O funcionamento da ideologia, também se relaciona com a memória, no momento em que produz um esquecimento necessário, afim de que o sujeito possa se entender como origem de si mesmo, colocando-se como dono de seu dizer. Como diz Mariani (1996),

Nada é neutro nem transparente em termos de prática discursiva: os sentidos se produzem em formações discursivas, são regulados por rituais sócio-históricos, são mobilizados interdiscursivamente enquanto exterioridade que afeta constitutivamente o sujeito. No entanto, a ideologia da transparência dos sentidos na linguagem comparece sempre e de diferentes maneiras, produzindo o efeito de

literalidade, ao mesmo tempo em que apaga o processo de imposição hegemônica de uma determinada interpretação. (Mariani, 1996: p. 67)

É partir dessa interpelação ideológica do indivíduo em sujeito, que se constitui ao mesmo tempo, o sentido para esse sujeito, pelo processo denominado “processo de identificação”. Sendo assim, Orlandi (2009[1999]) afirma que sujeito e sentido constituem-se mutuamente. E esse sentido se filia a determinada formação discursiva (FD), à qual esse mesmo sujeito atravessado pelo inconsciente e pela ideologia, identificou-se para significar. Percebemos aqui, que o sujeito precisa identificar-se com alguma formação discursiva, ou mais de uma, para significar, e é essa identificação com a formação discursiva do Hip-Hop que estamos presenciando em Bagé.

O sujeito se inscreve na história através da língua, e para que ela signifique há a necessidade da história. Isto nos leva a pensar o sentido como uma relação determinada do sujeito com a história. É o gesto de interpretação, que realiza essa relação do sujeito com a língua, ou seja, com a história. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade.

Sendo a linguagem incompleta, consideramos que nem sujeitos nem sentidos estão completos. Os sentidos constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. A condição de incompletude confirma a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.

Segundo Orlandi (2012), o sujeito discursivo não realiza apenas atos. Se ao dizer, nos significamos e significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade se constitui nos sentidos que, enquanto sujeitos, praticamos. Ainda, (idem), é considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real.

Para Orlandi (1996, p.28), a AD se interessa pela linguagem como prática, mediação, trabalho simbólico, e não instrumento de comunicação: “É ação que transforma, que constitui identidades. Ao falar, ao significar, eu me significo”. O objetivo da Análise de Discurso não é o de analisar textos formalmente, mas “compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos” (idem, p. 56). Levando, sempre, em consideração que o sentido pode ser outro e o sujeito não tem o controle do que diz.

Desse modo, ao analisar textos musicados, a finalidade não é estudar somente o uso da linguagem, como se faria numa abordagem linguística, mas sim analisar o funcionamento do discurso do Hip-Hop, de que forma se constitui o discurso

materializado nas músicas selecionadas, em que tipo de formação discursiva esses sujeitos se encontram, e como a circulação desse discurso interfere na interpelação-identificação ideológica do sujeito com esse discurso.

Como diz Pêcheux, “o sentido sempre pode ser outro”, e de acordo com a formação discursiva (FD) em que o sujeito está inserido, o sentido pode mudar. O *rapper*, o sujeito que enuncia, está inserido numa FD suburbana, enquanto aquele que ouve, pode estar inserido numa outra FD diferente, e para tanto, o sentido daquilo que ele está enunciando pode mudar. Segundo Michel Pêcheux, as palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transferência) acontecendo nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório.

Pensemos na cidade de Bagé, o *rapper* que vem fazer show no interior, provém de uma formação discursiva diferente da nossa. Esse sujeito saiu de uma FD suburbana, proveniente da favela. O discurso dele é o mesmo, as letras das músicas são as mesmas, porém o que muda é o sentido que será atribuído para esse discurso em Bagé. E isso depende das FDs em que se inserem as pessoas que moram na região. Por isso o sentido sempre pode mudar. Talvez, por isso os bageenses estão identificando-se com o *rap*, porque eles atribuem sentidos possíveis para essas músicas na sua cidade.

Pensemos, agora, na FD dos *rappers* bageenses, no qual há uma identificação com o movimento Hip-Hop da metrópole através do apoderamento do comportamento e do lugar de onde vem, ou seja, originários da favela. Antecipando um pouco a análise, no trecho, “Bagé minha cidade favela e seus critérios, aqui eu vim mora fiz do rap meu império” (anexo 4), da música “Trylogia”, da banda Opacos Mc’s, de Bagé, fica evidente essa identificação com o Rap metropolitano e esse uso dos costumes e da maneira como esses *rappers* do interior se veem como favela.

2.2 NOÇÃO DE SUJEITO E FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

Trabalha-se na Análise de Discurso com o processo de (des)construção e compreensão do discurso, objeto de estudo da AD, em que Orlandi (1996, p.39) nos diz “é no discurso que o homem produz a realidade com a qual está em relação”. O sujeito se constitui pelo discurso, e é interpelado pela ideologia, portanto, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Pêcheux, [1975]/1988). O sujeito do

discurso se constitui a partir de sua relação com a língua e a história, e a ideologia é efeito dessa relação, como diz Orlandi (ibidem, p.40) “só podemos ter língua e história conjugadas pelo efeito ideológico”. Desse modo, percebemos de acordo com uma noção discursiva de ideologia o fato de que ela não é consciente, e sim, efeito da relação do sujeito com a língua e com a história na sua materialidade específica.

O sujeito da análise de discurso não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso. Isto significa dizer que há em toda a língua mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação-sujeito para a posição-sujeito no discurso. Orlandi nos fala (1996, p.30),

não são os traços sociológicos empíricos - classe social, idade, sexo, profissão - mas as formações imaginárias, que se constituem a partir das relações sociais, que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um operário, de um presidente, de um pai, etc. Há em toda a língua mecanismos de projeção para que se constitua essa relação entre a situação – sociologicamente descritível e a posição dos sujeitos, discursivamente significativa.

Portanto não é o sujeito físico, empírico que funciona no discurso, mas a posição-sujeito. O enunciador e o destinatário enquanto sujeitos são pontos da relação de interlocução, indicando diferentes posições do sujeito. Isto se dá em todo o discurso, no jogo das formações imaginárias: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. Assim como também se tem a imagem que o interlocutor tem de si mesmo e de quem lhe fala. O que, nos termos de Pêcheux, é representado da seguinte forma: I é a imagem, A é o locutor, B é o interlocutor e R é o objeto (referente). Para Pêcheux (1969, p. 82),

o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

O sujeito projeta imagens do destinatário, do referente e de si. Essas imagens condicionam o processo de elaboração discursiva, as quais remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem: relações de sentido, relação de força e antecipação, condicionados pelas formações imaginárias. Nas relações de sentido, podemos dizer que o que dizemos tem relação com outros dizeres, portanto todo o discurso é aberto em suas relações de sentido. A relação de força é caracterizada pelo lugar social do qual falamos, e esse lugar social vai marcar o discurso com a força da locução que este lugar

representa. E, por fim, temos o mecanismo de antecipação, em que o sujeito coloca-se no lugar do destinatário e, dessa maneira, busca antecipar o efeito de suas palavras. O locutor regula seu discurso conforme os efeitos que tenciona reproduzir no interlocutor.

Para finalizar, pensando no presente estudo, é interessante mobilizar o conceito de formações imaginárias, já que, nesses termos comunicacionais, o *rapper* seria o locutor, aquele que diz; o público seria o destinatário e os textos musicados, o referente, o objeto em si. Sendo assim, para compreender o discurso do *rapper*, é importante perceber a imagem que ele faz de si, a imagem que faz de seu interlocutor e a imagem que faz do conteúdo de suas músicas.

2.3 SENTIDO, FORMAÇÃO DISCURSIVA E INTERPRETAÇÃO

Como já vimos, o sujeito é interpelado pela ideologia, e só assim a língua faz sentido. Como diz M. Pêcheux (1988, p.160) “o sentido de uma palavra, uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em “si mesmo”, mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo socio-histórico no qual as palavras são produzidas (isto é, reproduzidas)”. Elas mudam de sentido de acordo com a posição social e ideológica sustentada por aqueles que as empregam, por isso, o sentido sempre pode ser outro e o sujeito não tem controle daquilo que diz. O sentido “é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2003, p.42).

As formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas. Ou seja, as palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência à posição social dos que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se encontram. Portanto, para Pêcheux (1997, p.160) “chamamos de formações discursivas, aquilo que, numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de certa posição dada numa certa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito.” Portanto, os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas.

Para Orlandi (2006, p.17), “o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso”. Desse modo, temos a relação língua e ideologia afetando a constituição do sujeito e do sentido. A posição sujeito e o sentido mudam de acordo com a formação discursiva em que se encontram. Por exemplo, a

palavra “polícia” pode significar de modos distintos se referida à formação discursiva do morador do subúrbio ou de um condomínio fechado. Como diz Orlandi (2006, p.18), “não há uma essência do sentido. Ele é sempre uma relação que tem a ver com o conjunto de formações discursivas”.

É importante explicitarmos também, uma noção a respeito da interpretação, já que, a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Para Orlandi (1996, p.9), “não há sentido sem interpretação”. A linguagem tem uma relação necessária com os sentidos, porém é sempre passível de equívocos quando se trata da interpretação, já que a mesma desconstrói os efeitos do já dito, em direção a outra significação. A interpretação é constitutiva do sujeito e do sentido. Não que o sujeito seja interpretável ou o sentido; o que acontece é que a interpretação os constitui, ou seja, que a interpretação faz sujeito, a interpretação faz sentido. Sendo assim, o trabalho do analista é compreender o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentidos.

No presente trabalho, vamos analisar o funcionamento do discurso do Hip-Hop a partir de textos musicados, o Rap. Com isso, percebemos como é interessante pensar que os sentidos mudam de acordo com a formação discursiva em que se encontram, já que, atualmente, esse ritmo ultrapassou a barreira dos subúrbios das metrópoles, e, portanto são ouvidos também por aqueles que possuem uma situação socioeconômica favorável e não moram em favelas.

3. ANÁLISES:

3.1. POR QUE O RAP?

Vamos começar caracterizando os *rappers* escolhidos para fazerem parte deste trabalho. Projota é um *rapper* paulista, começou sua carreira cedo, aos 16 anos, numa favela em Lauzane paulista, onde ganhou notoriedade participando das batalhas de Mc’s, muito populares no início dos anos 90. Inclusive, participou de dois grupos de pouca expressão, no qual um deles era formado junto com seu amigo de longa data, o *rapper* Rashid. Rashid nasceu em São Paulo, mas foi criado dos 13 aos 17 anos na cidade de Lavras, em Minas Gerais. Ele ingressou cedo no mundo do Rap, mais tarde quando regressou à cidade de São Paulo, decidiu ingressar nas batalhas

de “freestyle”⁴ por volta de 2006 e tornou-se mais conhecido no Brasil após participar da Liga dos MC's, em 2007. Foi, juntamente com Emicida, um dos únicos MC's a conquistarem o troféu "Galo de Ouro". Emicida nasceu em São Paulo, também proveniente de uma família pouco favorecida economicamente. A primeira aparição do *rapper* na mídia – fora as batalhas de improvisação – foi o *single* "Triunfo", acompanhado de um videoclipe com mais de dois milhões de visualizações no Youtube. Atualmente é o *rapper* brasileiro com maior visibilidade na mídia.

O Grupo Opacos MC's, grupo de Rap da cidade de Bagé, segundo a própria descrição do grupo na página de relacionamentos do Facebook⁵, foi criado em meados de 1997, com o intuito de denunciar os problemas aos quais seus integrantes passavam na época. O descaso com o qual eram tratados e a miséria de onde viviam. A formação inicial do grupo contava com Mano Gueto, Mano Carlos Alexandre e KI New. Mas como, nessa época, havia poucos recursos e o Rap em Bagé não tinha o mínimo apoio, o grupo em seguida se desfez. Em meados de 2002, o grupo voltou à ativa, com uma nova formação: Mano Gueto; Mano Periférico (seu irmão) e um novo integrante Mano Rima, considerando essa formação uma trilogia que viria até a ser citada nas letras. Enfrentando a não aceitação de suas músicas, conseguiram gravá-las em 2005 criando o primeiro álbum do grupo "Quem tem Guia é Guia seu". Em 2007, foi gravado o videoclipe do *single* "Bandido na Mansão", o qual foi imediatamente barrado pela censura da época, pelo alto teor de violência citada na letra e na manifestação visual.



Capa do álbum, “Quem tem guia é guia seu”.

⁴ O Freestyle, nome em inglês que significa *estilo livre*, é um gênero musical nascido nos Estados Unidos nos anos 1980. A principal característica desse tipo de música é a mistura de outros estilos como Club, Dance Music, Blues, House Music, entre outros.

⁵ <https://www.facebook.com/pages/Opacos-Mcs/261578820544317?sk=info>

Após serem barrados pelo promotor da cidade e não poderem mais cantar o som "Bandido na Mansão", o grupo deu um tempo e decidiu se reformular. Logo, um sentimento de revolta os tomou, e seus versos ganharam um peso extra. Com palavras contundentes e a autoestima renovada, o grupo gravou o álbum "Guerra na Favela", em 2008. Hoje está com uma nova formação: Mano Gueto, Mano Periférico, Mano Joe e Mc Larissa. O grupo mostra que a censura sofrida deu um novo sentido para lutar pelos seus direitos e da sua comunidade.

O Rap é uma forma de contestação político/social tão forte e ao mesmo tempo uma produção poético-musical tão interessante, pois representa um grupo social de determinada conjuntura. É como se cada letra funcionasse como um grito de liberdade das mazelas produzidas socialmente sob as mais diversas formas de exclusão – social, política, econômica, geográfica, entre outras – emprestando suas vozes para a fala daquela grande parcela da população brasileira que convive com um silenciamento social e historicamente construído. As pessoas estão identificando-se com essa ideologia apresentada pelo Hip-Hop, e não só quem nasceu em periferias de grandes metrópoles, como também, jovens de cidades interioranas como Bagé.

Essa ideia de contestação, de protesto contra o Aparelho de Estado (AE), ou como denomina Althusser, o Aparelho Repressivo de Estado (ARE), que compreende o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, entre outros, chegou também no interior. Para Althusser, “repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão funciona pela violência – pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo, administrativa, pode revestir formas não físicas)”. No trecho, “bandido aos olhos de um porco” (anexo 2), da música Nova Ordem, do *rapper* Emicida, fica evidente essa sensação de repressão policial sentida pelas pessoas, geralmente, que moram em favelas. É como se a presença do favelado já ameaçasse a segurança e, portanto, seria necessária sua detenção ou morte. Porém, esse sentimento de revolta está se abrangendo e já não é mais exclusivo das periferias das grandes cidades. No trecho, "sou aquele maluco de quebrada, do gueto, vagabundo, cobra criada; desigualdade, sociedade, criminalidade, cresci vendo, sou escravo da realidade" (anexo 4), da música “Trylogia”, da banda Opacos MC’s, percebemos esse mesmo sentimento de revolta, quando o enunciador se iguala a um escravo, ou seja, um sujeito que se sente preso à uma sociedade desigual e excludente.

Esse sentimento de revolta é bastante contemporâneo, e não está mais concentrado apenas nos subúrbios das grandes cidades, ele está presente em Bagé e em vários trechos de músicas do grupo Opaco's MC's, que retratam, muitas vezes, uma realidade que não é a sua. No grupo dos Opaco's MC's, via Facebook, foi postado por mim, o seguinte comentário,

Olá, pedi para ser adicionada no grupo porque estou fazendo meu trabalho de conclusão de curso na UNIPAMPA, e meu artigo é sobre o Rap. Estou fazendo uma análise do funcionamento do discurso do hip-hop na cidade de Bagé, ou seja, de que maneira as pessoas se identificam com essa cultura do hip-hop na cidade, comparando com cidades metropolitanas como Rio de Janeiro e São Paulo. Achei muito interessante as letras das músicas do grupo Opacos Mc's, ainda mais, sendo um grupo do interior da cidade de Bagé, numa região fronteiriça. Portanto estou analisando três textos: Trylogia, 25 de dezembro e Cotidiano Genocida. Gostaria de saber a opinião de vocês e se quiserem saber algo mais entrem em contato. Abraço

E a resposta obtida, pelo próprio mentor do grupo foi a seguinte,

Em comparação de Bagé com as cidades Metropolitanas sem dúvidas há muitas diferenças, tanto a nível de desenvolvimento quanto nível de violência, mas essas diferenças não se aplicam ao “nosso” Rap, pois nunca nos limitamos a rimar apenas até os limites da nossa cidade, mas sim expandir nosso raciocínio e relatando não apenas o problema social local, mas também o problema das grandes cidades do Brasil e do mundo, e a guerra silenciosa que poucos possuem capacidade para enxergar.

Percebemos que esses enunciadores, tanto os *rappers* bageenses quanto os *rappers* metropolitanos têm o intuito de relatar nos seus textos os problemas sofridos pela comunidade em que vivem. Pois, como vimos anteriormente, o Hip-Hop surgiu como um instrumento de transformação social para os habitantes das periferias, sendo a única forma dos *guetos* expressarem suas dificuldades e necessidades que tem repercussão.

3.2 A IDENTIFICAÇÃO DO BAGEENSE COM O RAP DA METRÓPOLE

Voltando àqueles dois aspectos mencionados anteriormente, *o corpus*, e em segundo, o tipo de identificação dos jovens bageenses com o Hip-Hop, vamos começar falando do *corpus* em questão. Ou seja, naquilo que se refere às letras das músicas

anteriormente mencionadas, o interessante é o desafio de lidar com o movimento representado pelo Hip-Hop, do qual o Rap (*rhythm and poetry*) é um dos elementos engendrados.

Bagé é uma cidade delimitada por bairros, e eles, constroem a formação discursiva do menos favorecido, do excluído socialmente, daquele que vive à margem da própria cidade. Esses bairros caracterizam a cidade de Bagé, pois todo processo discursivo pressupõe efeitos de sentido num processo interlocutivo afetado pela situação, pelo contexto histórico-social, isto é, pelas condições de produção. Sendo assim, essa contraposição entre bairro versus asfalto existente na cidade, corrobora a favor do processo discursivo realizado pelos *rappers*. Vejamos um trecho da música “Trylogia” (anexo 4), do grupo Opacos Mc’s: “Coragem faz de mim o mensageiro dessa terra, vim rima pra mostra realidade da favela”. Percebemos que o enunciador se diz morador de uma favela, mas, será a mesma favela de grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo? Na cidade de Bagé, percebemos a existência de uma FD dos *rappers* bageenses que retratam, através de textos musicados, a realidade suburbana da cidade. Diferente da realidade das grandes favelas retradadas pela mídia, Bagé não possui favelas “estilo Rocinha”, como no eixo Rio - São Paulo, porém, dentro dessa formação discursiva dos *rappers* bageenses, os mesmos se dizem moradores de tal lugar. Vejamos um trecho da música “Trylogia” (anexo 4) que tomamos como uma sequência discursiva:

Bagé minha cidade favela e seus critérios, aqui eu vim mora, fiz do rap meu império,

Linha de esquerda mano gueto me confiou, pra faze parte comanda tá ligado morou,

E nessa linha é eu que mando ninguém me contradiz, juntos formamos a quadrilha Opacos Mc's.

Inclusive, não apenas os *rappers* bageenses se identificam com essa cultura do Hip-Hop nascida nos subúrbios. Alunos de uma escola central de Ensino Médio de Bagé, também se identificam com a cultura do Hip-Hop, de acordo com um sujeito-aluno entrevistado por nós, ao ser questionado sobre a identificação com a cultura hip-hop, responde: “Sim, me identifico. Penso que com esses “protestos musicais” várias

ideias foram plantadas, vários temas sociais e políticos passaram a ser debatidos graças a este movimento”.

Percebemos que essa identificação se dá pelo fato das pessoas verem a cultura Hip-Hop como um movimento de contestação política e social. O rap mostra a realidade, é a voz das ruas e das mazelas menos ouvidas pela sociedade. De acordo com outro sujeito-aluno: “os verdadeiros bandidos usam terno e gravata em nosso país”, essa é uma crítica à política brasileira, também denunciada nos textos dos grupos Opacos MC’s, como no trecho da música “Trylogia” (anexo 4), que diz: “trazemos a verdade pura sem maquiagem, agimos contra a impunidade da sociedade, que enchendo seus cofres destroem o pobre, que mal consegue reagir, não resiste e morre”. Nesse caso, a sociedade impune em questão é representada pelos políticos que “destroem” o pobre, enchendo seus cofres através de desvios de verbas públicas.

O Rap tenta denunciar problemas sociais de um país em desenvolvimento bem como, a pobreza, a violência urbana, a discriminação racial, a desigualdade na distribuição da renda, o uso de drogas, as chacinas, entre outros problemas. Em sua maioria, todos esses problemas são vivenciados pelos moradores da periferia, e através do discurso do Rap é possível perceber que se trata de uma identificação dos rappers bageenses com a conjuntura social das favelas metropolitanas. Portanto, pensemos no Rap enquanto um discurso que perturba a ordem imposta pelo Estado, já que é um discurso de contestação e reivindicação de uma parcela esquecida pela própria sociedade – mais favorecida - e por seus governantes. O Rap reflete outros modos de significar a cidade, ou seja, de lhe atribuir sentidos que não se enquadrariam na imposição ordenada pelo Estado. Por sua vez, os sujeitos que habitam esse espaço urbano são diretamente afetados por esse discurso do hip-hop e passam a produzir sentidos na cidade, isto é, passam a exteriorizar a maneira como este espaço os afeta.

Dessa forma, na cidade, coabitam inúmeros sentidos, uma vez que ela é composta por diferentes sujeitos. Isto significa dizer que um sujeito pertencente à classe média que se identifica com a cultura Hip-Hop da favela será afetado pela cidade de um modo diferente daquele sujeito que apenas se identifica com a formação discursiva privilegiada. Desse modo, atribuir sentido será uma tarefa distinta para os diferentes sujeitos da cidade. Essa questão é interessante, pois dessa forma o *rapper* contrapõe o seu universo ao universo dos outros sujeitos.

Como o *rapper* morador da periferia interpela outro sujeito, e ainda, como se dá essa interpelação/identificação quando o sujeito não é pertencente a essa formação

discursiva? A ideologia interpela o sujeito afetando seu modo de produzir sentidos, sendo assim, é isto que fornece a cada sujeito a sua própria realidade. Ou seja, outros dizeres já ditos ou possíveis é que garantem a formulação do dizer. Para que nossas palavras façam sentido, é preciso que já signifiquem em outro contexto. Na sequência discursiva retirada da música R.A.P (anexo 3), do *rapper* Rashid, conseguimos perceber essa ressignificação, já que o enunciador nos traz elementos midiáticos, como o BBB, novelas e o Criança Esperança. Ou seja, elementos que já fizeram sentido por outras condições de produção.

*O rap não tá longe dos consumidores
Ele tá longe dos consumidos
É o terror! É o terror de quem tenta empurrar novela
E b-b-besteira nos seus ouvidos
Criança Esperança não veio, o rap tava lá.*

A mídia é vista pelos *rappers* com certa desconfiança, pois seu controle cabe aos burgueses, geralmente descritos com certa depreciação. Em muitos textos musicados, a classe economicamente superior é entendida enquanto a responsável pela exclusão social e pelas dificuldades pelas quais os moradores da periferia passam. E isso se reflete não só nos textos de artistas contemporâneos, e já com certa visibilidade, como Rashid, mas também nos textos de *rappers* do interior da cidade de Bagé, como podemos ver na sequência discursiva a seguir retirada da música Cotidiano Genocida (anexo 5), do grupo Opacos Mc's.

*Será que não entende aqui não é Novela, não tem filé nem ouro no
pescoço da cadela,
Não é Jardim do Castelo, condomínio de Luxo, aqui é Favela periferia
subúrbio.*

Percebemos, nesta sequência discursiva, que há uma divisão na conjuntura social bageense denunciada pelo Rap. Na região central da cidade se ouve mais os *rappers* metropolitanos e nos bairros se produz o Rap conforme uma divisão social entre os moradores dos bairros nobres e dos bairros periféricos. Jardim do Castelo é um bairro nobre de Bagé, onde se vê casas de alto padrão. E os *rappers* locais, inseridos naquela

FD dos *rappers* bageenses, denunciam essa divisão social, já que nos bairros periféricos nem rua asfaltada há. Assim, eles associam essa situação em que vivem à exclusão social sofrida pelos moradores de periferias nas grandes metrópoles.

Percebemos, portanto, que, em ambos os casos, os *rappers* observam a mídia com certa desconfiança, desfazendo e criticando os valores burgueses da sociedade e desvelando uma periferia hostil, violenta, mas, ao mesmo tempo, humana e solidária com seus habitantes. É como se o Rap, viesse para esgrachar na cara da sociedade os problemas da periferia. De todas as periferias.

Para Orlandi (1996, p. 28), “se linguagem e ideologia fossem estruturas fechadas, acabadas, não haveria sujeito, não haveria sentido”. Desse modo, a AD propõe um deslocamento das noções de *linguagem e sujeito*. A AD trabalha com a materialidade da linguagem, considerando dois aspectos principais: o linguístico e o histórico, de forma inseparável, pois os dois participam do processo de produção do sujeito e dos sentidos que os constituem. A linguagem, para Orlandi (ibidem, p.24), “tem de ser referida necessariamente à sua exterioridade, para que se apreenda seu funcionamento”.

Os textos analisados neste trabalho inscrevem-se numa conjuntura histórica bastante definida: são textos contemporâneos produzidos nos subúrbios da cidade de Bagé. Orlandi (2009 [1999]: p.68) nos lembra de que não fica visível “nos textos os ‘conteúdos’ da história”, mas que aqueles “são tomados como discursos, em cuja materialidade está inscrita a relação com a exterioridade”. Portanto, ao observarmos o próprio fio discursivo, podemos ter acesso a que momento da história a sociedade se encontra. (Resende, 2012).

É por isso que na AD, procura-se analisar o sentido e não apenas aquilo que se encontra na superfície da língua. Como diz Orlandi (2006, p.18) “Não há uma essência do sentido. Ele é sempre uma relação que tem a ver com o conjunto de formações discursivas”.

As formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas. Ou seja, as palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência à posição social dos que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se encontram. A posição-sujeito que o *rapper* faz de si mesmo, é do menos favorecido, trabalhador e morador da favela, forma-sujeito dominante nessa FD. E isso fica visível nas letras das músicas. Na sequência discursiva

retirada da música “Se o mundo acabar”, do *rapper* Rashid, essa forma-sujeito dominante, fica evidente, veremos:

*Aí, mais um ano se passou, tio
Muita coletividade na quebrada, cê tá ligado como é, né?
Essa música aqui é de vocês. Muito Obrigado!
Ei, trabalhador. Ei, sonhador. Que trabalhou o ano inteiro, correu
24 horas por dia... que nem eu!*

Percebemos que nessa sequência discursiva que o enunciador se iguala a todos os outros moradores de periferias, mesmo ele sendo um *rapper* famoso no Brasil, se coloca nessa formação discursiva do trabalhador (batalhador) e morador de favela, porque é para esses sujeitos que ele enuncia. Da mesma maneira, que os *rappers* bageenses se apresentam, como veremos na sequência discursiva retirada da música “Trylogia” (anexo 4), vejamos:

*Coragem faz de mim o mensageiro dessa terra, vim rima pra mostra
realidade da favela
Eu entro com a vingança você traz a malandragem, qualidade
"estraçalha" porra de sociedade
Bagé vila miséria teste que aqui prossegue, sou filho da favela criado
pelo rap.*

Quando Pêcheux (1969[1993]) institui o discurso como objeto da Análise de Discurso e o define como sendo “efeito de sentido entre locutores”, está postulando que o sentido está diretamente relacionado ao processo de interpelação ideológica. Eni Orlandi (2009[1999], p.21), também faz sua contribuição para essa questão do funcionamento da linguagem para a Análise de Discurso, e fala:

A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores.

Portanto, o objetivo do *rapper* é retratar uma realidade social vivenciada na periferia. Retratar essa formação discursiva de violência, de repressão, do menos

favorecido, do trabalhador comum, e ao mesmo tempo de muita cooperação e companheirismo, pois a periferia não é, somente, caracterizada pela violência. Vejamos a sequência discursiva extraída da música “Rap do Km 21”:

*Ceguei, to na parada, minha voz ta no ar
Com muito orgulho represento os mano da quebrada
Quando tamo embolado, semo muito camarada
Cada um na sua, ninguém mexe com ninguém.*

Os sujeitos que se declaram ser da periferia, os *rappers*, sentem orgulho do lugar em que nasceram. E essa constatação é atribuída tanto ao Rap das grandes capitais, quanto ao interior na cidade de Bagé. Na próxima sequência discursiva, extraída da música “Trylogia” (anexo 4), podemos perceber mais um exemplo desse orgulho dos *rappers* em ser provenientes da periferia, vejamos:

*Pra arrebentar a minha ideia o som é de quebrada, minha rima é
poderosa minha palavra é pesada
Minha apologia é 100% realista, Opacos MC's siga e vista essa
camisa.*

No trecho “Minha apologia é 100% realista, Opacos MC’s siga e vista essa camisa” percebemos esse sentimento de orgulho entranhado no discurso do *rapper*, ou seja, em poder traduzir em palavras os anseios de uma minoria esquecida socialmente.

Percebemos que o próprio nome do grupo “Opacos”, nos remete à opacidade, o que é interessante, pois sabemos que a língua não é transparente. Ao levarmos em conta a opacidade da língua, estamos nos deparando frente a uma demanda que existe nos estudos de língua(gem) sobre a questão dos sentidos. Como já fora mencionado, para a análise de discurso, sentido e sujeito, constituem-se mutuamente, e mais, o sentido não tem como origem nem a imaginação do falante nem os ouvidos de quem ouve. Pensar a língua em relação ao discurso significa entendê-la não com uma evidência, mas sim como uma forma material que oferece limites e resistências nela mesma. Não é possível concebê-la como uma língua pura e transparente em que os sentidos são evidentes.

Os *rappers* bageenses, assim como, os *rappers* das grandes periferias, usam a voz para enunciar os problemas do lugar em que nasceram e foram criados. E esses

problemas são semelhantes, como a pobreza, a violência urbana, a discriminação racial, a desigualdade na distribuição da renda e o uso de drogas.

Percebemos que a identificação é com a impunidade de um Estado, que rouba e a fragilidade do menos favorecido, que morre. Essa realidade acontece não só nas periferias das grandes cidades, como nos bairros periféricos, em Bagé. E o Rap, serve como uma voz – para os excluídos - tanto nas grandes metrópoles, como em cidades do interior, como Bagé, ou seja, ele age como um mecanismo de denúncia de uma dura realidade. Esse mecanismo de denúncia que faz com que os jovens bageenses se identifiquem com a FD dos *rappers* das grandes periferias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a conjuntura social da cidade de Bagé está dividida entre a região central da cidade, no qual as pessoas ouvem mais rappers metropolitanos e nos bairros, nos quais se produz o Rap levando em consideração uma divisão social entre os moradores dos bairros nobres e dos bairros periféricos. O interessante é perceber que os rappers bageenses fazem uma espécie de denúncia dessa divisão social, já que ela faz uma alusão à exclusão social sofrida pelos moradores de periferias nas grandes metrópoles.

Através da identificação dos rappers bageenses com a cultura do hip hop, esses rappers denunciam problemas sociais de sua região, tais como a pobreza, a violência urbana, a discriminação racial, o uso de drogas, entre outros. Em sua maioria, esses problemas são vivenciados pelos moradores da periferia, e através do discurso do Hip-Hop, é possível perceber que se trata de uma formação ideológica comum a esses sujeitos.

Pensando na maneira em que as pessoas estão se identificando com o discurso do Hip-Hop, percebemos que o que gera esse encantamento é a ação da denúncia por meio da música. Os *rappers* enunciam de maneira escrachada aquilo que está assolando a sua comunidade. De uma forma que possam ser ouvidos. Já que poucos governantes dão ouvidos às periferias.

Os *rappers* têm um papel importante dentro da comunidade, já que eles são a voz dessa mazela esquecida da sociedade. E não apenas têm o intuito de denunciar os

problemas da comunidade, mas também reverenciar as coisas boas da periferia, o orgulho de ser da favela e a união dos moradores.

5. REFERÊNCIAS

MARIANI, Bethania Sampaio Correa. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. São Paulo, SP: Revan/Editora da UNICAMP, 1996.

RESENDE, Mariana. **Rapensando Discursivamente o Imaginário sobre a Resistência em A Marcha Fúnebre Prosegue**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

BEVILAQUA, Raquel. **Yo! Narratividade Urbana: Os Gritos da Periferia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. São Paulo: Pontes, 2006.

_____. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2009[1999].

PÊCHEUX, M. (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1997.

ROSE, Tricia. Um estilo que ninguém segura: Política, Estilo e a Cidade Pós – industrial no Hip-Hop. In In: **Abalando os anos 90 Funk e Hip-Hop: globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1997.

6. ANEXOS

1. Se o mundo acabar

Rashid

(falando)

Aí, mais um ano se passou em tio..
Muita coletividade na quebrada..
Ce tá ligado como é, num é?
Essa musica aqui é de vocês. Muito obrigado!
Ei trabalhador, ei sonhador, que trabalhou o ano inteiro,
Correu 24 horas por dia, que nem eu.

(parte 1)

Eu andei até minhas pernas não me aguentarem mais
Na missão de mostrar pro povo que não é bom se calarem mais
Eu deixei dois irmãos, uma vida e minha mãe pra trás,
Esse fardo pesa, né? Só que a saudade pesa muito mais..

Nos meus olhos, nos meus ombros,
Sem castelos, só escombros,
Meu passado, meu assombro, levei da vida um tombo..
Apanhei até de bambu, já me vi como um camundongo,
Tio, naveguei sozinho, sem Cristovão, sem Colombo.

Sem direção (sem!), e fiquei sem coração (sem!)
Na função de fazer um dim ou viver sem condição,
Tem condição de da uma ajuda aí pra condução?
Uma voz me diz: "levanta aí e anda, sai do chão (sai do chão!)”

Sai do chão, e tocar o céu é fácil, irmão
Quero meus amigos bem e esquecer dos vacilão..
Eu também quero dinheiro mas eu quero liberdade
Que não vem de brinde se a grana compra felicidade..

Eu to na cidade, eu pela verdade, meu, calamidade, breu..
Pela idade, que eu tenho, vontade deu,
De me juntar com os meus..
E sumir, mas pra sumir, dê insanidade deus..

Mas a metade daqueles que tava comigo na rua quando era moleque,
Sumiram, morreram, casaram, tiveram uns filhos,
Correram, mudaram de CEP..
Ou se perderam por causa de cheque,
Ou deram asa pra algum pé de breque,
E eu que tava ai no meio só posso dizer
Que eu fui salvo pelo rap!

(falando)

Dezembro, Rashid e DJ Caíque, trabalhando novamente irmão!
3F's, sabe o que é isso? Isso é foco, força, fé!

(refrão)

Quero um bom lugar, pra gente ficar,
Pra viver a vida sem ter que explicar,
De frente pro mar, o mundo é seu lar,
Com todos os meus irmãos com a mão pro ar. (x2)

(falando)

Aí, cê quer um bom motivo pra brindar?
Vai lá e se olha no espelho então,
Olha pros seus amigos, pra sua família,
Se vai abrir uma garrafa então abra pelo motivo certo, tá ligado?

(parte 2)

Mais um ano vem, mais um ano vai, o que fica de lição
Me conhece bem, mais um samurai, tipo foco na missão
Enorme satisfação, em várias cidades eu pude passar
Dividir meu sonho com você, quando cheguei, apertei sua mão.

Quando levantaram a mão, quando colaram nos shows,
Viram que é de coração, minha alma vive do meu flow
Eu me arrepio, é da rua pra rua, por cada vadio (por cada vadio!)

Por cada garota que vem daonde eu venho,
Por cada escravo que correu do engenho..
Eu fiz, eu faço e ainda vou fazer,
Todo suor derramado vai ter que valer,

Porque, se confundem com dinheiro,
Meu valor não ta na nota que você tem no bolso,
Ta na mente, ta no peito,
Ta na força que é pra gente conseguir fugir do calabouço,
Ouço por favor, (não),
Minha tropa agora não ta precisando de reforço,
Foram muitos anos,
Mas nós conseguimos tirar a corda do nosso pescoço..

Respira e aproveita a paisagem, seu nome é pra sempre,
O resto é passagem..
Vão homens, vão armas, vão perdas, vão glórias,
O que fica de bom ou ruim são histórias!

Quanto tempo cê perdeu dormindo
Ou quanto tempo cê ganhou vivendo?
Quantos dias você viu caindo, quantos sóis você viu nascendo?
Vai vendo, se o mundo acabar em 2012,
Pelo menos minha parte eu to fazendo!

(refrão)

Quero um bom lugar, pra gente ficar,
Pra viver a vida sem ter que explicar,
De frente pro mar, o mundo é seu lar,
Com todos os meus irmãos com a mão pro ar.

2. Nova Ordem

Emicida

Compositores: Emicida, Rashid e Projota

Projota

Olha no meu olho, veja o brilho da alma de um louco
Tensão, em meio ao lodo encontrei minha missão
Candidato a morte, por sorte o destino me disse que não
Quanto mais eu elevo minha alma mais ainda
Sinto meus pés se pregando no chão
Bandido aos olhos de um porco
Bom filho aos olhos do pai
Nas costas mochila na mente uma fila de idéias e agora
Essa vai
Ninguém me ensinou a jogar
Nem sabia o que vinha depois
Só me deram a chuteira, empurraram pro campo
E disseram: vai lá, sabe gol?
Faz dois!

Não pode pipocar, pipoca é o que mais tem, Por isso
Uns vão, Uns vem, Uns vão, Uns vem, Uns vão, Uns vem
A vida me ensinou a não temer ninguém
Vai lá pra ver com quantos MC's Construimos o bem
Salve! Nós somos um só, vai lá
Se é sangue que eles querem então que tentem me cortar
Sonhei com uma vida melhor meu trabalho e suor
Me fazendo ganhar, Realizei só quando parei de sonhar!.

Rashid

Hey!
As ruas querem mais som
Nosso dom não pode ser secreto tipo a sociedade maçom
Se é o que ceis quer-toma entrego tipo garçom
Estorando orelhas como fez o Mike Tyson
Ou tio, rumo ao gol viu, fábrica de flow phill
Três pastores resgatando almas de quem ouviu
Verso útil quebrando tabu, xiu
Esse seu gosto musical, cê aprendeu vendo Raul Gil

Seu coração é seu remédio quando a vida diz tudo passarás
Lá terroristas derrubam prédios, aqui nós derrubamos mascaras
Eu grito aos quatros cantos o que meu peito me diz
Num tempo onde as bases falam mais que os MC's
A raiz não tá no chão, a raiz tá em você
Se não ensinaram o que é revolução
A prática é o melhor jeito de aprender
Olha por nós senhor, que nós olha por cada fan
Hoje é o dia dos de bem
Falador passa amanhã

Emicida

Moisés de force one, aliás foram quantos mares vermelhos esse mês, hã!?
Desse leis, frias, vans filosofias pontes arregaçando
Como a usina em Belo Monte
Pretos no topo sem morte ou julgamento
Era uma questão de sorte eu fiz ser uma questão de tempo
Cantei como o motor das Hornet loca
Onde paredes têm ouvido e os cotovelo tem boca
Tá tudo errado cruel, incrível, meu papel vencer invisível
Tipo salve nos nextel

Sem pó, Sem doce, Sem back, Sem rebite
Os outros querem diamantes, nós queremos dinamites
Sou Mandela, Sou felá, Sou marighella

As armas companheiro, pela liberdade só por ela
Séculos cortando a noite no açoite sem maldade
Sou eu mesmo xinga não, Cala a boca e faz metade

Firmeza, Licença aqui moleque.
Emicida, Rashid, Projota, NaveBeatz, 2011 Vivão
Como diz o mestre Kl Jay
"Estamos vivos irmãos, estamos vivos" haha

Refrão

Pra cima Revolução a Nova Ordem de guerreiros na missão
Você pode tentar se quiser derrubar
Você pode tentar, mas só pode tentar...

Pra cima Revolução a Nova Ordem de Guerreiros na Missão
Você pode tentar se quiser derrubar
Você pode tentar, mas só pode tentar...

3. R.a.p

Rahid

Eu tenho algo a dizer
(Rap é compromisso, como um míssil destroça)
Eu tenho algo a dizer
(Rap é compromisso, como um míssil destroça)

R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!

São 3 "F"s, foco, força e fé de pé, mas sem blefes
Venha o que vier, aldeias sem chefes
Uns vivem de teses, uns cospem só fezes
Abraça quem quer, viver só de fazer resumido
O rap não tá longe dos consumidores
Ele tá longe dos consumidos
É o terror! é o terror de quem tenta empurrar novela
E b-b-besteira nos seus ouvidos
Porque quando o Teleton não veio, o rap tava lá
Criança Esperança não veio, o rap tava lá
O rap tava lá, quando o pivete não queria ouvir o pai
Quem é que ele ia escutar?
Se isso fez por nós, tudo que a escola não faz, me deu ideais
Sei que vários caras lá de fora
Se entupiram de dinheiro e já não pensam mais
Só que os Mc's daqui ainda são racionais

R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!

Abrindo mentes, tipo menino da porteira
Ajudando a darem luz ao mundo, tipo uma parteira
Não tô na de ensinar, eu tô na de aprender
Sou o aluno que "cê" vê ali na primeira carteira
O tempo é essência, o relógio é crítico
Ponteiros mentirosos, já que o horário é político
Isola, o tempo é igual Jason
Por mais que você corra, ele sempre tá na sua cola
Então corre, que a rua precisa de você
Então corre, o movimento tem que se mover
O progresso incomoda alguns e acomoda outros na frente da Tv
O rap é curto-circuito no seu fusível
Ele me fez acreditar que é possível
A internet fez as pessoas baixarem tudo
Mas a gente veio pra subir o nível

R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!
R.a.p quem?
R.u.a "noiz"!

4. Trylogia

Opacos MC's

(Negro Wallter)

Eu, que fui do crime hoje rimo jogo capoeira, rap cultura 100% afro-brasileira
Bagé minha cidade favela e seus critérios, aqui eu vim mora fiz do rap meu império
Linha de esquerda mano gueto me confiou, pra fazer parte comanda tá ligado morou
E nessa linha é eu que mando ninguém me contradiz, juntos formamos a quadrilha Opacos MC's
Trazemos a verdade pura sem maquiagem, agimos contra a impunidade da sociedade
Que enchendo seus cofres destroem o pobre, que mau consegue reagir não resiste e morre

(Negra Déia)

so vagabundo sim naturalidade de
alguém "que da favela vem" e só maluco eu sei que tem "e pois de tudo eu vi e sei"

(Mano Gueto)

"sou aquele maluco de quebrada, do gueto vagabundo cobra criada
Desigualdade, sociedade, criminalidade, cresci vendo sou escravo da realidade

Opacos sempre firme forte consciente dessa quadrilha faço parte da linha de frente
Do meu rap sou a alma verdadeira rima,que chegou pra exterminar sua sociedade rica
O Brasil me deu a arma e me passou a lista no país do futebol não sou nacionalista
Só quero o prato de alimento pro menino com fome,não ajoelha na calçada pedindo arrêgo pros home
Vê se pobre tem direito a um copo d'gua,quando chamado de escravo limpando sua privada
Palavras que de raiva te remoem, esculachado na praça pela mina do boy
Da um soco na cabeça
Da paty vagabunda,deita ela no chão e chuta sua nuca
Represento os que não podem a raça pobre,não abaixem a cabeça aqui boy não da ordem
Humildade a arma poderosa,pra emocionar faze chora a puta famosa
Tenho uma 12 e uma PT mocosiada pra arrebentar a nuca da milionária
O crime é uma peça sem janela, não entra sol não tem nem luz de vela não
Nessa treta de vive pode muitos morre,mas pra vários é questão de sobreviver
Enquanto a burguesa se exercita na esteira, na favela se fabrica bomba caseira
Pra joga dentro da casa do advogado,que condenou seu irmão pro sistema carcerário
Não faço rap pra playboy desinibido,que na hora de emplacar se faz de meu amigo
Sou aquele que roubou seu Fiat pálio,que depois foi pro desmanche lá no bairro
Fui eu que fiz blitz no relento,
Pra engana pega a chave do seu apartamento
Sou aquele que invadiu de dose seu casamento, Opacos Mc's fala o que mano gueto.

(Negra Déia)

so vagabundo sim naturalidade de
alguém "que da favela vem" e só maluco eu sei que tem "e pois de tudo eu vi e sei"

(Mano Rima)

Coragem faz de mim o mensageiro dessa terra,vim rima pra mostra realidade da favela
Eu entro com a vingança você trás a malandragem,qualidade "estraçalha" porra de sociedade
Bagé vila miséria teste que aqui prossegue,sou filho da favela criado pelo rap
Atitude que não te deixa sozinho na estrada,na mente eu levo "o que?" uma PT engatilhada
Pra arrebenta a minha ideia o som é de quebrada,minha rima é poderosa minha palavra é pesada
Minha apologia é 100% realista, Opacos MC's siga e vista essa camisa
Na direita eu represento mano gueto e a quadrilha,com linha de frente e esquerda formando a "Trylogia"
Sou aquele que assalta o playboy na esquina do submundo da balança aqui mano rima."

5. Cotidiano Genocida

Opacos MC's

Mais uma Mãe que chora o Sangue derramado, Cotidiano Genocida o morticínio do tráfico
O Sistema impõe agora o que sobra nessa hora,vela no caixão e flores em Memória
Pobreza e Riqueza caminham separados uma voa rumo ao céus e a outra afunda num buraco
Esse é o Retrato indecifrável que verte Vida,formando um rio de Sangue onde se criam os Homicidas
E no foco do ideal no calor da batalha,é que surgem as forças revolucionárias
No Papel no verbo microfone ou arma,o impacto é o mesmo é letal a rajada
Chega de embaixo da chuva olhar na janela, família brindando a felicidade na tela
Onde o filho do rico com 10 já tem Iate, troféu 1º lugar na corrida de kart
Nariz empinado, Mormai Lupa na cara, no futuro mais um corpo estendido na vala
O Cú que da Risada gospe no seu rosto, humilha e afirma que pobre nasce morto
Amanhã vai ta com a cara desfigurada,é o terror que resplandece quando o Preto se revolta
Sou soldado da verdade da revolução,é a mesma opinião até trombar meu caixão

Refrão:

Aqui é onde o Tiro não trás o sorriso, Sangue escorre Mãe, Chora Pelo Filho
A Marcha segue em Luto, Direto pro abismo, dei-me a direção Sagrado Manuscrito

Aqui é onde o Tiro não trás o sorriso, Sangue escorre Mãe, Chora Pelo Filho
A Marcha segue em Luto, Direto pro abismo, dei-me a direção Sagrado Manuscrito

Já quis ta na mansão catando seu dinheiro, hoje foda-se seu Nissan seus apartamentos
Sei que o boy me quer no Opala tachando ser bandido, destilando meu veneno no coração do oprimido
Será que não entende aqui não é Novela, não tem filé nem ouro no pescoço da cadela
Não é Jardim do castelo condomínio de Luxo, aqui é Favela periferia subúrbio
Prefiro ta no mormaço arrancando pedra no asfalto, do que ta dentro do carro metendo os cano no seu rabo

Pra um dia não ver meu filho seguindo meu exemplo, algemado dividindo jumbo com outro detento
Nem usando calça atolada no pagode do prego, de refém ajoelhado na mira do ferro
Se não fosse o rap estaria de Dinamity invadindo o prédio explodindo sua suíte
Dando a vida na BR arriscando a sorte, jogando caminhão pipa pra cima de carro forte
Mas não quis minha mãe com faixa no portão da detenção, incendiando Busão na manifestação
Sei que o gambé qué meu sangue escorrendo no seu Pálio, na tentativa de furto no quadro de Picasso
Aposentei minha glock, minha 380, não quero corpo pra legista nem pra necrotério

Refrão:

Aqui é onde o Tiro não trás o sorriso, Sangue escorre Mãe, Chora Pelo Filho
A Marcha segue em Luto, Direto pro abismo, dei-me a direção Sagrado Manuscrito

Aqui é onde o Tiro não trás o sorriso, Sangue escorre Mãe, Chora Pelo Filho
A Marcha segue em Luto, Direto pro abismo, dei-me a direção Sagrado Manuscrito

Opacos não faz Rap pra grupo invejoso, cusão, zé povinho até a veja cresce o zoio
Torcendo rezando pro meu sangue jorrado, no balcão do bar levando tiro faconasso
Mas não vai levar boy eu to aqui, quer né ver quer sorrir Pow Pow aguenta ai
Cai fora paga-pau que eu não to por latrocínio, mas se qué me ver cai não vo da boi pra inimigo
Aqui o sistema genocida suicida, é atira mata morre ou segura com a mão na Bíblia
Por isso eu to de pé não vou cair jamais, nas batalhas da vida eu sou soldado da Paz
Com a mesma opinião prossigo na missão, no epicentro do protesto da manifestação
Chega de morador se escondendo em cima do forro, a cada troca de tiro na invasão do morro
Ou a menina de 10 anos com a bala alojada na nuca, pela pura incompetência desses gambé filho da puta
Educador diz pra não roubar não matar, mas quando se precisa quem do seu lado está?
Ninguém, como diz o pastor dá ou desce, não quero status de bandido mandando corpo pra IML
Quando tiver quase morto só quero a Bandeira dos Opacos, e a oração de São João no meu Caixão condecorado

Refrão: 2X

Aqui é onde o Tiro não trás o sorriso, Sangue escorre Mãe, Chora Pelo Filho
A Marcha segue em Luto, Direto pro abismo, dei-me a direção Sagrado Manuscrito.

Aqui é onde o Tiro não trás o sorriso, Sangue escorre Mãe, Chora Pelo Filho
A Marcha segue em Luto, Direto pro abismo, dei-me a direção Sagrado Manuscrito.

PAZ'

6. 25 de dezembro

Opacos MC's

Na periferia 25 de Dezembro, nunca é um dia pra comemorar, o pai sofrendo, vendo a criança morrendo, me deram um presente pra matar, que dia é esse pra mim é só um dia normal, só é feliz pro boy de terno tomando curaçal, quem ceia tem dinheiro montado no seu bonde, não vê o pobre comer osso doado do açougue, aqui presente te dão um 38, rouba, mata o outro garante o seu rizoto, quem trafica controla sua vontade quem sonha com presente faz o crime na cidade, o moleque c/ Glock, a descrença dos parente vo mata o Papai Noel porque não trouxe o meu presente, mas quem come peru, lasanha e da o rabo, é a filha da governadora do estado, não enxerga a família, o pai desesperado, comendo a carniça de cachorro no churrasco, natal pro boy é champanhe e carne branca, toma uísque e foder com 10 puta na cama, Deus eu juro ñ queria meter a padaria e garanti pros parente um pouco de alegria, eu sem nada ajoelho e agradeço a Jesus, o boy tem tudo e mesmo assim, gospe na cruz; Senhor desgraça o boy de carro, faz ele cair na mira do favelado, o burguês de Mercedes com dois tiros na porta desabafa com a polícia, e diz q a vida é foda, foda é vê minha mãe chorando uma vela num canto fazendo promessa pra qualquer santo, eu to c/ raiva uma PT, 15 bala no pente, em direção á York vou buscar meu presente.

Refrão (2x)

É dia de natal, mas não tem alegria, tiro todos os dias, destruição de famílias, é dia de natal mas não tem alegria, não existe a paz, na periferia

É triste a situação do pobre natal é pro playboy com comida no estoque, o analfabeto arrancando carteira do seu bolso, querendo corrente de ouro no pescoço, não to pelo colar da puta da sua filha, engole seu roléx, sua gargantilha, da carro zero de natal pro seu filho, só assim ele é chutado e roubado na Padre Padre Abílio, o meu presente ta embrulhado com laço no cofre, o papai Noel de farda não quis me da o malote, sente a raiva do excluído, o escrivão da favela que aponta o cano e da o tiro no meio da sua testa, meio dia de natal eu faço minha oração agradeço pela ceia, metade de um pão, na favela quem não rouba não tem, vida não tem festa, só motiva ver o sangue do boy de Fiesta, pra que limusine segura com uma Fal, pra morrer sendo abordado no sinal, eu sou mais um moleque olhando pro céu, sonhando com rena, presente papai Noel não é meu dedo que eles mandam por sedex, sou o ladrão que a polícia lumina com giroflex, diz pra vaca da sua mãe que eu não quero sua esmola, pão velho na calçada com resto de coca-cola, sem oportunidade, dormindo no relento, pé no chão sem camisa na entrevista pro emprego, quem tem dinheiro e banca o filho da madame pra compra cordão de ouro, anel com diamante é sempre assim quem pode mais despreza o humilde " eu desprezo totalmente a raça pobre" 25 de Dezembro por aqui, nunca foi um motivo pra sorrir.

Refrão (2x)

É dia de natal, mas não tem alegria, tiro todos os dias, destruição de famílias, é dia de natal mas não tem alegria, não existe a paz, na periferia

Quem espera o ano-novo feliz e contente, já tem emprego garantido na empresa do parente já o favela não sente motivação, alegria é um paieiro achado no calçadão, vamos tia é natal i eu não ganhei presente, encosta na parede, tira o aparelho de ouro do dente, só assim vou na fruteira e cato várias melancias garantindo sustento da família, o bóy jogado no sofá bebendo Martini, enchendo o cu de álcool, uma garrafa de uísque, tablete de maconha vários DVD vamo lá mata o boy que a favela quer ver, joga fora a bandeja com a sobra do peru, Salada a La Francêsa enfia no cú, não quero seu rango amaldiçoado to feliz com um ovo frito dividido no prato, Papai Noel atende o meu pedido me da uma P-40 pra eu matar o rico, eu sou o preto do morro 25 de Dezembro esperando o boy na porta do apartamento vou entrar, por fogo na poltrona, levar seu videokê dar de presente pra coroa, o cuzão do Celta enriquece o traficante, Vós Da Verdade a todo pau no alto-falante, moleque eu sei que bate fome e sede e quem paga é a cabeça da burguesa na parede, cansei d ver meu pai vende sapato, pra qualificar a comida no meu prato, vai ver sua filha agonizar até morrer porque um preto com revólver queria comer, é dia de natal e ninguém se incomoda meu presente é um laço embrulhado na pistola.

Refrão (4x)

É dia de natal, mas ñ tem alegria, tiro todos os dias, destruição de famílias, é dia de natal mas ñ tem alegria, não existe a paz, na periferia

7. RAP do KM 21

(Mano Jhow)

É isso ai rapaziada, to pronto pra rima
Cheguei to na parada, minha voz ta no ar
Com muito orgulho represento os mano da quebrada
Quando tamo embolado, semo tudo camarada
Cada um na sua, ninguém mexe com ninguém
Pra fechar o mal tempo, só se mexer com alguém
Ando sempre na minha mas to sempre esperto
Assobio bem alto pros mano vê que to por perto
Não mexo com ninguém, pra ninguém vir me tirar
Respeito todo mundo pra todos me respeitar
Não faço Rap pra bonito, nem pra aparecer
Faço Rap pra mostrar a realidade pra você
Cê já ouviu falar que eu sou do Rap
Ando em todo o lugar, pergunte a quem me conhece
Não gosto de mete grau e nem de exibimento
Quando eu subo no palco é pra mostrar o meu talento
Quem anda comigo quem me conhece que sabe
Que eu não sou de mentir, falo só a verdade
Muitas pessoas se exibem se acham a tal
Porque eu moro aqui no Ivo nos chamam de marginal
Mas não é bem assim, morou?! Você tem inveja de mim porque quer ser o que eu sou
Quer ser igual a mim, mas não pode, vagabundo, invejoso tem mais é que levar choque
Fala mal do meu Rap, me chama de tolo
Diz que não gosta de mim e minha voz causa nojo
Eu não to nem ai, só fica ligado
A volta vem, o que é seu ta guardado
Sou a voz humilde represento os loco, represento a favela e as misérias do meu povo
Muitas pessoas criticam, falam mal da comunidade
Eu não admito que falem, eu também sou da sociedade
Hoje eu agradeço a Deus por tudo que ele tem me dado
Por eu ter onde morar e minha mãe estar ao meu lado
Na vila Damé há muito tempo já morei
E vários amigos lá eu conquistei
Faz um tempo que eu não apareço naquela quebrada
Como é que anda a banda, diz ai Mano Catra

(Mano Catra)

Escuta só , mano Jhow
Vamo lá, hã
Damé a minha vila, aonde eu me criei
E vários amigos aqui eu conquistei e montei o grupo PDN MC's
É com muita fé em Deus que hoje estou aqui
Parabenizando essa cidade que eu amo muito
Pra mim Bagé, é o melhor lugar do mundo
Se tu não acredita, chega ai pra conhecer
Tenho certeza que tu não vai te arrepender
É bem assim que é, aqui na minha fronteira
O dia vai, a noite vem, eu estou sozinho
Aqui sem ninguém pensando no amanhã
No dia que vem, o que será que eu vou fazer
Escrever meus pensamentos ou olhar TV, eu não sei
Quem manda é meu coração
Será que eu vou encontrar uma nova paixão? Não, isso não
Porque eu já tenho a dona do meu coração
A mulher por quem eu me apaixonei e a chave do meu coração eu entreguei

Ela tem um belo corpo e um lindo sorriso
Foi ela quem me deu o meu primeiro filho
Que eu vou ensinar e educar pra que no caminho errado ele não possa entrar
Porque o mundo das drogas não passa de ilusão
É mano matando mano, ladrão roubado de ladrão
Até quando isso vai continuar,
É no meio dessa violência que o meu filho eu vou ter que criar
Quando estou dormindo sou acordado por barulhos de tiros
Acho que é de 38, vem dali debaixo da galera da dezoito
Somos rapazeada, humilde, manos de fé
Tipo os antigos parceiros da vila Damé
Ando sozinho sim, alegre e companheiro
Sou eu Mano Catra um rapper verdadeiro
Eu falo bem assim, na humildade
Escuta minha voz, a voz da verdade

(para os manos daqui, para os manos de lá)

Grupo SBM

Representando a zona leste, eu cheguei pra detonar
É o grupo SBM Street Dance está no ar
É a cultura Hip-Hop tem grande envolvimento
Abraço essa causa para amenizar o sofrimento
Infelizmente é assim essa realidade
Perdemos a cabeça por ser homens de verdade
Dado duro todo dia pra tirar nosso sustento
Tamo aqui para dançar e mostrar nosso talento
E mostrar para você a nossa realidade
Zona leste tá em guerra por essa desigualdade
Violência todo dia não perdemos a esperança
Vou lutar, vencer na vida e dar exemplo pras crianças
A união faz a força, não podemos desistir
Abraçamos essa causa e venha junto pra seguir
E nessa mar de problemas vem chegando a solução
Só o KM 21 pra te tirar desse mundão
Zona leste é assim já não brilha mais o som
Hip-Hop está com a gente mas também tem futebol
Mas agora ta ai é a nossa esperança
Pra ti dar o teu valor e teu sonho de criança
Siga junto com a gente, saia desse mundo mal
Mundo de drogas, violência, e sua cara no jornal
Dê orgulho pra sua mãe que só quer o seu melhor
Evolução já começou é só olhar ao seu redor
Chegou em boa hora é pra você e é pra mim
Abraça essa causa e vamos junto ate o fim
E nesse mar capitalista que só tem peixe grande
KM 21 nos ensinando a ser gigante

Bagé, minha terra, minha pátria, minha coxilha
Rainha da fronteira, chão farroupilha
Uma cidade rica e ao mesmo tempo miserável
Gente passando fome e passando trabalho
O nosso dia a dia por aqui é um caso critico
Pessoas se matando por um salário mínimo
Desemprego tem de monte, olha a situação
Muita gente ganha à vida trabalhando no lixão
Aqui vila Damé, minha área meu abrigo
Um beijo pras amiga e um abraço pros amigo
Na periferia muita coisa acontece

Tem Mano do pagode, tem Mano que é do rap
Moleque 12 anos ta fumando maconha
Garota adolescente espera a cegonha
Parabéns pra Bagé pelos 200 anos
De uns tempos pra cá, muita coisa ta mudando
Tem a casa da família, tem lazer na cidade
Esporte e lazer pra comunidade
Levo a vida numa boa, canto rap, funk, charm
Se quiser ser campeão, estude e trabalhe
A mensagem é positiva a ideia é verdadeira
Bagé- RS, rainha da fronteira

(Todos Juntos)

Bagé, 200 anos nós todos te amamos
É o KM 21 que está nos ajudando
Escute a nossa voz, a voz do coração
PDN, SBM representando os irmãos.